

A crônica de Martha Medeiros e a revolução sexual feminina

Angela Maria Pelizer de Arruda
UEL

Resumo: A mulher tem um percurso muito intenso dentro da história da humanidade. Transformou sua posição na sociedade por suas atitudes e conquistas. Com isso, transformou também a sociedade. Isso vem acontecendo desde muitos séculos atrás. As mudanças foram gradativas e ganharam força a partir de meados do século XIX. Questões como o declínio do poder patriarcal, a invenção da maternidade, o isolamento da mulher do mundo exterior e a subordinação desta diante da figura masculina são alguns dos aspectos transformados pela força feminina. O século XXI vive o resultado dessa gradual conquista das mulheres ao longo dos séculos. A mulher conquistou seu espaço em todos os âmbitos sociais e assumiu muitas tarefas que antes eram destinadas exclusivamente aos homens. Sendo a crônica o gênero do cotidiano, do simples, do temporal, talvez seja o lugar ideal para encontrar e discutir sobre a questão da intimidade. Como está presente no cotidiano das pessoas, pode sem dúvidas ser vista como um documento que reflete a cultura e as ideologias presentes na sociedade. Será a crônica, então, o gênero escolhido para refletirmos sobre a revolução sexual feminina. A autora selecionada é Martha Medeiros, colunista do jornal Zero Hora e O Globo, cujas crônicas já foram compiladas e deram origem a vários livros. A autora, em diversos textos publicados aponta reflexões a respeito de como a mulher se vê diante dessas transformações, que um dia almejou, lutou e atingiu seu ponto máximo (até o momento, é claro). Partindo de teorias próprias, o trabalho objetiva analisar algumas crônicas da autora no sentido de refletirmos a respeito da revolução sexual feminina a partir da óptica da mulher contemporânea.

Palavras-Chave: Crônica. Revolução sexual feminina. Contemporaneidade.

Abstract: *The woman has a very intense journey into mankind's history. Their position in society was changed by their attitudes and achievements. This way, they transformed society as well. This has been happening since many centuries ago. The changes were gradual and gained strength from the mid-nineteenth century. Issues such as the decline of patriarchal power, the invention of motherhood, women's isolation from the outside world and their subordination in front of the male figure are some aspects transformed through the power of women. The twenty-first century lives the result of gradual conquest of women over the centuries. The woman conquered her space in all social spheres and assumed many tasks that were previously used exclusively to men. Being chronic the everyday gender, the simple, temporal, may be the ideal place to meet and discuss the intimacy issue. How is present in daily life, can undoubtedly be seen as a document that reflects the culture and ideologies in society. It will be the chronic, then the genre chosen to reflect on the female sexual revolution. The female author selected is Martha Medeiros, a columnist for The Globe and Zero Hora, whose stories have been compiled and resulted in*

several books. The author points out in several published texts reflections about how the woman is faced with these transformations, which once craved, fought and peaked (so far, of course). Starting from their own theories, the paper aims to analyze some author's chronicles in order to reflect about the female sexual revolution from the perspective of the contemporary woman.

Keywords: *Chronic. Female sexual revolution. Contemporary*

A crônica surgiu como um gênero da imprensa, veiculada pelos meios mais populares da área. Contudo, seu ar descompromissado, seu estilo levaram-na a perambular pelos arredores da literatura; e lá também ficou sem abandonar seu suporte primeiro. Muitas crônicas foram transportadas e fixadas em livros. Esse movimento transcende a efemeridade do jornal e até mesmo da revista e torna o que era passageiro em “eterno”.

Gênero leve, rápido, “descompromissado”, vagueia nas duas esferas - jornalística e literária - sem o menor receio de não se adequar, despreocupado com regras e convenções. Assim, vai ganhando público e vai expandido seu repertório de autores, destinados a escrever intensamente pequenas fagulhas do cotidiano, que possam representar a vida de uma forma ou outra.

Nesse jogo duplo, a crônica alcança os mais diversos leitores: aqueles assíduos devoradores de jornal, que tornam a crônica uma obra mais próxima do cotidiano, os leitores de livros, que buscam nas estantes uma representatividade cultural, os críticos e estudiosos de ambas esferas, que procuram compreender esse fenômeno fronteiro.

Para o trabalho aqui proposto, a autora selecionada é Martha Medeiros, colunista do jornal Zero Hora e O Globo, cujas crônicas já foram compiladas e deram origem a vários livros. Como os temas das crônicas são geralmente muito variados, trataremos apenas das relações íntimas - muito exploradas pela cronista.

Partindo de teorias próprias, o trabalho objetiva analisar algumas crônicas da autora no sentido de observar como seus textos se aproximam das duas esferas acima citadas e como correspondem aos anseios da sociedade contemporânea.

Literatura e jornalismo: divergências e convergências

À primeira vista, pode parecer que comparar essas duas esferas seja fácil ou até mesmo inútil, haja vista que uma não serve de base comparativa para a outra ou até mesmo porque as duas nada têm em comum a não ser o uso da linguagem.

Contudo, se analisarmos um pouco mais cada uma delas - e as duas juntas- veremos que há muitos pontos a serem discutidos tanto no que se refere a semelhanças quanto a diferenças.

Quando colocamos que é necessária a observação de elementos comuns, estamos, logo de partida, afirmando uma identidade entre o jornalismo e a literatura. Tal divisa justifica o porquê de nos pautarmos por abordar o tema sob uma perspectiva capaz de preservar os prolongamentos que ambos, literatura e jornalismo, desempenham entre si (DEMÉTRIO, p.01).

É possível afirmar, então, que existe uma identificação entre a literatura e o jornalismo muito além do que apenas o uso da linguagem.

Partindo de um paralelo traçado por Marcelo Bulhões em que convergências e divergências entre as duas esferas são analisadas, apontaremos alguns pontos importantes que serão base desse estudo. Trataremos inicialmente dos aspectos em que literatura e jornalismo se afastam para depois apontar o ponto de encontro entre ambos.

A primeira diferença entre as duas manifestações da linguagem é a própria linguagem. Enquanto o jornalismo apresenta linguagem como meio, já que seu maior objetivo com ela é informar um fato, a literatura traz a linguagem como fim em si mesma. Ela é o próprio objeto da arte. O fato, diz Bulhões, é “enformado”, ou seja, “configurado em uma forma especial que lança uma experiência que antes não existia. Nesse sentido, todo texto literário cria um novo mundo, o mundo da linguagem que ele produz” (BULHÕES, 2007, p. 15).

Substituição, permutabilidade, retransmissão e literariedade são outros aspectos apontados para diferenciar jornalismo e literatura. Enquanto o texto jornalístico é caracterizado pelo fato de ser facilmente substituído tanto no sentido vertical quanto no horizontal, o texto literário é marcado por ser único. Uma notícia, por exemplo, pode ser substituída tanto por outra já no dia seguinte ou ainda por outro texto noticiando o mesmo fato, escrito em outro jornal. Já a literatura acumula obras que duram muitas vezes séculos, sem que uma possa tomar o lugar da outra.

Isso acontece porque o jornalismo vive da verdade, do fato. Por isso o trata com objetividade e urgência informativa. A literatura, por sua vez, traz a linguagem como o próprio acontecimento, sem compromisso com a veracidade do que diz. Assim, consegue perdurar através do tempo, recriando a realidade a seu bel-prazer.

Então, só de divergências vivem jornalismo e literatura?

Há entre essas duas expressões alguns pontos que podem representar “uma região de interface em que insinuam justaposições e amarrações” (BULHÕES, 2007, p.40). O primeiro deles é apontado pelo autor pelo nome de *narratividade*¹. Ou seja, tanto o jornalismo quanto a literatura produzem textos narrativos, “que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo” (BULHÕES, 2007, p.40). Essa característica traz outra como consequência, a *temporalidade*², “o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado a outro” (BULHÕES, 2007, p.40).

Esse tom narrativo existente em ambas as esferas faz com que jornalismo e literatura não se tornem tão distantes ou completamente opostos. Além disso, a própria linguagem torna-os próximos, similares até, se tomarmos as palavras de Bakhtin no que se refere à ideologia do signo (1994). A partir desse pensamento, parece-nos que não há muitas diferenças entre jornalismo e literatura, pois nos dois casos é possível perceber claramente o reflexo da ideologia de uma sociedade.

Crônica: literatura no jornal

Parece que entre as possíveis convergências entre essas esferas, a mais interessante seja a existência da crônica. Ela é considerada ao mesmo tempo um gênero jornalístico e literário. “Uma

1 Grifos do autor.

2 Grifos do autor

forma híbrida, portanto, vivendo uma condição ambivalente” (BULHÕES, 2007, p.47). Filha do jornal e presente nesse veículo de comunicação, divide espaço com tantas notícias e matérias sisudas e pesadas que nos colocam diante dos olhos diariamente. Apesar disso, traz um tom tão diferente disso tudo, como quem não se deixasse contagiar pelo peso do dia a dia. Ao contrário dos outros gêneros do jornal, a crônica funciona “como recanto destinado a arejar o peso da folha diária, tão carregada de preocupações e tensões da vida contingente” (BULHÕES, 2007, p.48).

Ainda que esteja no jornal, seu tom está muito mais próximo da literatura. Isso porque, apesar de tratar de assuntos cotidianos, transforma-os com sua descontração, leveza e descompromisso com o real, “mesmo quando lança um olhar para o mais terrível e urgente dos acontecimentos da atualidade” (BULHÕES, 2007, p.48).

Conforme afirma Antonio Candido, “a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade” (CANDIDO, 1992, p. 14). Assim, ainda que seja veiculada pelo jornal, a crônica não tem o compromisso com a verdade como seus gêneros vizinhos de suporte.

Afrânio Coutinho também observa esse fenômeno da existência da crônica e sua intimidade com o jornal e a literatura.

A crônica será tanto mais literária quanto mais fugir às exigências do espírito da reportagem, atingindo o melhor de sua realização formal quando consegue fundir os supostos contrários – a literatura e o jornalismo (...) (COUTINHO, 1986, p. 134).

Isso nos parece ser mais difícil ainda se tomarmos como informação o fato de o cronista trabalhar no ambiente jornalístico. Por um lado, é o jornal que representa para o autor um subsídio financeiro, por outro, observamos que, em um país onde a literatura não representa uma porcentagem tão significativa entre as preferências ou frequência dos leitores, a crônica pode trazer uma certa satisfação para seu autor diante da circulação da literatura entre os muitos leitores do jornal.

É em meio a essa ambivalência que reside a crônica:

... ela respira o mesmo ar de circunstancialidade dos textos produzidos pelos profissionais da imprensa diária. De certo modo, a crônica se alimenta dessa convivência no ambiente jornalístico. Ao mesmo tempo, ela é o espaço despojado do jornal, livre de compromisso com a verdade objetiva, espreitando os fatos que se desprendem das colunas noticiosas, colhendo-os para que possam ser comentados, ridicularizados ou absorvidos no interior de digressões, lembranças e associações inesperadas. (BULHÕES, 2007, p.48).

Isso não quer dizer que a crônica não tenha nenhum vínculo com a verdade. São os fatos da realidade que a alimentam e as tornam tão singular, tão distante das pompas literárias e dos grandes gêneros e tão próxima do cotidiano do leitor.

Por esse motivo, a crônica é chamada por Antonio Candido de gênero menor. E o autor complementa afirmando que isso é muito bom, porque fica perto do seu leitor, cumprindo seu papel dentro da literatura.

E para muitos pode [a crônica] servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. (...) por meio de assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia (CANDIDO, 1992, p. 14).

Mesmo que não seja a crônica totalmente compromissada com a verdade, é impossível dizer que ela não tenha vínculo com a realidade. Nesse movimento de “enformar” o fato como já havíamos apontado inicialmente, ela tem o fato em suas entranhas. A intimidade com o jornal torna isso possível, muito além do que qualquer outro gênero literário.

Dessa forma, podemos tratar a crônica como uma espécie de documentário a partir de dois fatores já citados anteriormente: a intimidade com o jornal e os fatos noticiados (que muitas vezes servem como mote para a escritura da crônica) e a periodicidade de publicação (que podem refletir uma vivência do leitor e sua cultura, o pensamento de uma época, as ideologias explícitas ou não, enfim toda uma sociedade).

Margarida de Souza Neves aponta essa característica da crônica no artigo “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas”:

... é possível uma leitura que as considere “documentos” na medida em que se constituem como discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. “Documentos”, portanto, porque se apresentam como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documentos”, nesse sentido, porque imagens da nova ordem, “Documentos”, finalmente, porque “monumentos” de um tempo social que conferirá ao tempo cronológico da passagem do século no Rio de Janeiro uma conotação de novidade, de transformação, que cada vez mais tenderá a se identificar com a noção de “progresso” (NEVES, IN: CANDIDO, 1992, p. 76).

Mesmo tendo a autora se referido às crônicas do Rio de Janeiro do final do século XIX, podemos observar esse aspecto de documentário nas crônicas de qualquer época e de qualquer lugar. O poder de retratar as mudanças, as transformações e os acontecimentos de uma sociedade é delegado à crônica sem riscos de colocá-la como pertencente ao jornalismo nem de ser desacreditada por ser literária.

Partindo desses pressupostos é que o trabalho aqui proposto aponta a crônica de Martha Medeiros como reflexo de uma sociedade e, dentro desta, o reflexo da revolução sexual feminina.

Revolução sexual feminina: a crônica como documentário

Levando em consideração o conceito de crônica enquanto documento de uma época, fazemos a leitura e a análise de algumas crônicas de Martha Medeiros com o tema revolução sexual feminina, enfocando o “Dia Internacional da Mulher”. Vale ressaltar que, como todas as crônicas datam da primeira década do século XXI, teremos esse movimento de libertação e conquista

feminina visto a partir da óptica da mulher contemporânea, ou seja, daquela que praticamente não participou das lutas feministas; apenas desfruta dos resultados e das vitórias alcançadas.

A década de 70 marcou a efervescência do movimento feminista no Brasil, um momento marcado no cenário político e social pela Ditadura Militar. Nessa época houve o fortalecimento do chamado movimento de mulheres do Brasil que se tornou mais presente quando a ONU, em 1975, declarou o início da década da mulher. Nesse período buscou-se com isso construir uma identidade sexual para as mulheres. Muitos direitos de hoje foram conquistados por mulheres desse período.

O fato de tratarmos de um afastamento quanto à luta feminina, temos dois pontos interessantes. Em primeiro lugar, a mulher atual pode refletir com mais racionalidade do que as mulheres das décadas anteriores, que agiam mais pelo calor da hora e mais intensamente porque não tinham a liberdade que temos hoje e lutavam com todas as forças para conquistar. O segundo ponto pode ser considerado consequência do primeiro. Por não ter tido que travar luta por sua liberdade e pela igualdade com o sexo masculino, a mulher do século XXI não sente necessidade de lutar porque apenas colhe os frutos das lutas anteriores. Isso faz com que esta não valorize essas conquistas como aquelas.

As crônicas “Mulheres na pressão” e “Ai de nós, quem mandou?” apresentam essa visão contemporânea das lutas das mulheres e suas conquistas.

A primeira delas, escrita em 08 de março de 2009, fala sobre o “Dia Internacional da Mulher”. A cronista apresenta como mote de seu texto uma entrevista em que a mulher entrevistada afirma que “as mulheres andam tão estressadas que muitos homens desistem da ideia de casar” (MEDEIROS, 2011, p. 45). O ponto principal da reflexão da cronista será uma pergunta que a entrevistada faz: “alguém lembra de ter tido uma avó agitada?” (MEDEIROS, 2011, p. 45). A partir desse ponto, Martha Medeiros começa a alinhar reflexões e apontamentos que vão delineando as características das mulheres da época das nossas vovós e da época atual.

Em relação às mulheres de décadas anteriores, a autora afirma que, de fato, “ninguém teve uma avó agitada, era outra época e elas se instalavam muito confortavelmente no papel de guardiãs da família. Talvez fossem mulheres plenamente realizadas ou diabolicamente frustradas, quem vai saber?” (MEDEIROS, 2011, p. 45). Assim, Martha Medeiros aponta as diferenças de comportamento das mulheres das gerações anteriores. Além disso, informa ao leitor uma dúvida (que talvez também nós carregamos) sobre o que sentiam essas mulheres: prazer em ser a dona do lar ou frustração.

Denominações como “dona do lar” ou “mãe de família” surgiram a partir do final do século XVIII, já visto como uma evolução feminina para aquela época. Anthony Giddens, em seu livro *A transformação da intimidade*, aponta três fatores que influenciaram as mulheres a partir desse período. “Um deles foi a criação do lar (...). um segundo foi a modificação nas relações entre pais e filhos; um terceiro, que alguns chamaram de “invenção da maternidade” (GIDDENS, 1993, p. 52-53).

Vemos que ser mãe de família já não era para nossas avós uma grande conquista, haja vista que muitas mulheres lutaram por algo mais importante na sociedade além do isolamento do lar. O que era uma conquista para as mulheres dos séculos anteriores, passou a ser algo talvez frustrante para as mulheres do século XX.

Em relação a isso, Giddens continua:

A idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade, e sem dúvida alimentou diretamente alguns valores propagados sobre o amor romântico. A imagem da “esposa e mãe” reforçou um modelo de “dois sexos” das atividades e dos sentimentos. As mulheres eram reconhecidas pelos homens como sendo diferentes, incompreensíveis – parte de um domínio estranho aos homens (GIDDENS, 1993, p. 52-53).

O que se observa é que aquilo que representava uma luta para uma geração passa a significar obsoleto e ultrapassado para as gerações futuras. Isso é natural do ser humano: a insatisfação diante do que tem e uma ansiedade diante do que é inacessível.

Podemos perceber isso na segunda crônica aqui proposta. Em “Ai de nós, quem mandou?”, Martha Medeiros apresenta reflexões acerca das consequências do movimento feminista e suas conquistas. Em suas divagações diante da igualdade dos sexos, a cronista lista prós e contras colhidos pelas mulheres contemporâneas.

Entre os pontos positivos, vejamos alguns avanços apontados pela autora:

Estimularam o pensamento livre, a autoestima, a produtividade e a alegria de trilhar um caminho condizente com nosso potencial. De apêndices dos nossos pais e maridos, passamos a ter um nome próprio e uma vida própria, e acreditamos que isso seria excelente para todos os envolvidos, afinal, os sentimentos ficaram mais honestos, e com eles os relacionamentos (MEDEIROS, 2011, p. 173).

Nesse trecho, percebemos que, apesar de elencar apenas aspectos favoráveis da revolução sexual feminina, há uma certa ironia por parte da cronista, principalmente na expressão “e acreditamos que isso seria excelente para todos os envolvidos, afinal, os sentimentos ficaram mais honestos, e com eles os relacionamentos”. O uso do verbo no do pretérito do indicativo já nos indica que algo “seria excelente” – no caso a própria evolução – mas não é bem assim.

Continuando a falar das conquistas, a autora afirma:

O amor deixou de ser um álibi para um lucrativo arranjo social. Passou a ser mais espontâneo, e as carências de homens e mulheres foram unificadas, já que todos precisam uns dos outros para dividir angústias, trocar carinho, pedir apoio, confessar fraquezas, unir forças no momento das dificuldades (MEDEIROS, 2011, p. 173).

Anthony Giddens denomina esse tipo de relacionamento de “amor confluyente”, cujas características estão nessa cumplicidade entre os amantes. Ele “presume igualdade na doação e no recebimento emocionais” (GIDDENS, 1993, p. 73). Por outro lado, Martha Medeiros afirma que isso acontece porque “todos precisam uns dos outros (...) no momento das dificuldades”. Vemos novamente um certo tom de ironia pressuposição da autora de haverão dificuldades. Além disso, elas serão encaradas com os mesmos sentimentos por homens e mulheres. Cai, então, a percepção da mulher como sexo frágil e do homem como valentão. Ambos são iguais diante dos problemas.

Quanto aos aspectos negativos dessa revolução, a cronista aponta algumas reflexões a respeito das reações de ambos os sexos:

Nunca imaginei que em 2010 ainda estaria escrevendo sobre isso. Achei que os homens já tivessem percebido o quanto ganham em ter uma mulher inteira ao seu lado, e não um bibelô. Acreditei que a competitividade tivesse dado lugar a um companheirismo mais saudável e excitante, onde todos pudessem se orgulhar dos seus avanços e se apoiar nas quedas, mas que iludida: isso não existe, filha. Essas mulheres aí que não cozinham, não passam, não lavam, que só evoluem, essas não são exemplo pra ninguém, são umas coitadas de umas infelizes que pagam as contas e ainda se acham divertidas, se fazem de inteligentes (...) (MEDEIROS, 2011, p. 173- 174).

Atentemo-nos para o fato de a autora, em nenhum momento, apontar a revolução sexual feminina em si como negativa, mas o que fizeram dela. A falta de maturidade de homens e mulheres transformaram a conquista em maldição. Ao invés de igualdade, conquistamos a competição. No lugar da reciprocidade, ficaram as rugas. Enfim, como a autora termina a crônica, encerraremos esse artigo: “Tamo ferrada”.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CANDIDO, Antonio (et. al.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo (Co-dir.). *A literatura no Brasil*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Editora da UFF, 1986. v. 6.
- DEMÉTRIO, Silvio Ricardo. *Os limites do devir literatura no jornalismo. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/demetrio-silvio-literatura-jornalismo.pdf>. Acesso em: 26/07/2012
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993 – (Biblioteca Básica)
- MEDEIROS, Martha. *Feliz por nada*. 6. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

Angela Maria Pelizer de Arruda

Graduada em Letras (UEL), Mestre (2005) e Doutoranda em Letras (UEL) e professora da Rede Pública de Educação e Docente Substituta da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Recebido em 17 de outubro de 2012.

Aceito em 30 de novembro de 2012.